



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARIA ELOIZA MOTA DE OLIVEIRA

**O VAZIO EXISTENCIAL, O CONSUMISMO E SUAS CORRELAÇÕES NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

MARIA ELOIZA MOTA DE OLIVEIRA

**O VAZIO EXISTENCIAL, O CONSUMISMO E SUAS CORRELAÇÕES NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes.

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48v Oliveira, Maria Eloiza Mota de.

O vazio existencial, o consumismo e suas correlações na sociedade contemporânea [manuscrito] : uma revisão bibliográfica / Maria Eloiza Mota de Oliveira. - 2022.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Consumismo. 2. Contemporaneidade. 3. Vazio existencial. 4. Logoterapia. I. Título

21. ed. CDD 150.198

MARIA ELOIZA MOTA DE OLIVEIRA

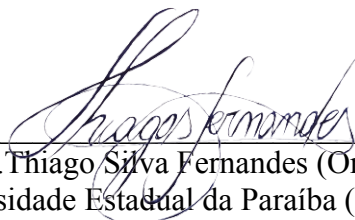
O VAZIO EXISTENCIAL, O CONSUMISMO E SUAS CORRELAÇÕES NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca examinadora do Curso de Psicologia
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Aprovada em: 27/07/2022.

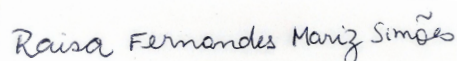
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Me. Raisal Fernandes Mariz Simões
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 O vazio existencial	7
2.2 O vazio na contemporaneidade	9
2.3 O consumismo e o vazio existencial	12
2.4. Uma resposta ao vazio: como a Logoterapia ajuda o indivíduo a encontrar sentido	15
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18

O VAZIO EXISTENCIAL, O CONSUMISMO E SUAS CORRELAÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

EXISTENTIAL EMPTINESS, CONSUMERISM AND THEIR CORRELATIONS IN CONTEMPORARY SOCIETY: A LITERATURE REVIEW

Maria Eloiza Mota de Oliveira ¹

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre o indivíduo contemporâneo e suas questões existenciais, sobretudo no tocante à relação entre o vazio e o consumismo, elaborando um diálogo entre os pressupostos da teoria e obra de Viktor Frankl com outros autores, que tratam, mais especificamente, do vazio vinculado à contemporaneidade, e sobre o consumismo do homem contemporâneo, que busca neste, uma forma de tentar preencher o vazio existencial. Esse trabalho é uma revisão bibliográfica de cunho exploratório de obras e artigos ligados à questão do vazio existencial e consumismo, foram utilizadas fontes de dados e publicações adequadas aos temas, sendo um recorte das pesquisas que se relacionaram com o tema proposto. No referido trabalho encontramos reflexões que apontam os danos que, o excesso de consumismo pode trazer tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, onde, a centralidade de valores nos bens materiais acaba retirando importância de outros âmbitos da vida e os efeitos disso são preocupantes, pois, a sedução é a estratégia utilizada pelo capitalismo do consumo, em que o objetivo passa a ser, saciar os desejos individuais. Com isso, vale ressaltar que a Logoterapia de Viktor Frankl, apresenta-se como uma teoria relevante e consistente para atender às demandas psíquicas do indivíduo e seus imperativos na busca de um sentido existencial na contemporaneidade.

Palavra-chaves: Consumismo; Contemporaneidade; Logoterapia; Vazio Existencial.

ABSTRACT

This paper seeks to reflect on the contemporary individual and his existential issues, especially with regard to the relationship between emptiness and consumerism, developing a dialogue between the assumptions of the theory and work of Viktor Frankl with other authors, who deal more specifically with emptiness linked to contemporaneity, and consumerism of the contemporary man, who seeks in this, a way to try to fill the existential void. This work is a bibliographic review of an exploratory nature of works and articles related to the issue of existential emptiness and consumerism. In this work we found reflections that point to the damage that excessive consumerism can bring both to the individual and to society, where the centrality of values in material goods ends up removing the importance of other areas of life and the effects of this are worrying, because seduction is the strategy used by consumer capitalism, in which the goal becomes to satisfy individual desires. Thus, it is worth mentioning that Viktor Frankl's Logotherapy presents itself as a relevant and consistent theory to meet the psychic demands of the individual and his imperatives in the search for an existential meaning in contemporaneity.

Key-words: Consumerism; Contemporaneity; Logotherapy; Existential emptiness.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. maria.mota@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Logoterapia, é uma escola psicológica de cunho fenomenológico, existencial, humanista, que ficou conhecida como a Psicoterapia do Sentido da Vida e como a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia (MOREIRA e HOLANDA, 2010). Essa abordagem psicoterapêutica surgiu em Viena entre as décadas de 1920 e 1930, ganhando força após a Segunda Guerra Mundial. Seu fundador foi o judeu austríaco Viktor Emil Frankl (1905–1997), psiquiatra, neurologista e filósofo existencialista, que sobreviveu a quatro campos de concentração nazista e após esta experiência fortaleceu, em sua própria existência, a hipótese que usava como base para a prática de sua clínica psicoterápica (FRANKL, 2008).

Esta escola de psicoterapia aborda temas importantes e inerentes à existência do homem moderno. No núcleo teórico da Logoterapia, a visão de homem está fundada em uma primeira tríade conceitual que forma “uma cadeia de elos que se conectam reciprocamente”, fundamentada em três pilares (Frankl, 2011): Liberdade da vontade, Vontade de sentido e Sentido de vida.

O primeiro deles, a liberdade da vontade, é a capacidade humana de superar condicionantes biopsicossociais, ou seja, é a nossa capacidade de escolher como reagir diante das nossas circunstâncias. Essa liberdade se opõe ao que Frankl chama de pandeterminismo, uma visão do ser humano que descarta sua capacidade de tomar uma posição frente aos seus determinantes. Não quer dizer que o ser humano esteja livre de qualquer condicionante, quer dizer que ele é livre para se posicionar diante deles (FRANKL, 2011).

O sentido de vida, diz respeito à experienciação de um significado para a vida do ser humano. Esse sentido é único, por diferir de pessoa para pessoa, e mutável, por mudar de situação para situação, ou seja, cada um tem sua missão, tem um sentido específico, singular e irrepetível, em dada circunstância da sua vida (FRANKL, 2003).

Já a Vontade de sentido, que pode ser definida como a busca contínua do ser humano por um sentido em sua vida. No seu livro “*Um Sentido para a Vida*”, Frankl definiu como um interesse primário do ser humano. “*Em a Vontade de Sentido*”, como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos.

Enquanto Adler propôs uma “vontade de poder” e Freud uma “vontade de prazer” como motivações fundamentais do ser humano. Frankl, acreditava que aquilo que nos move é a busca por um sentido para existir. E a ausência de um sentido para a vida nos torna sujeitos vulneráveis ao vazio existencial.

Assim sendo, o vazio existencial é uma sensação de vida vazia, fútil, sem sentido. Uma espécie de vazio interior. Pode ser que essa sensação fique mais latente, mas, segundo Frankl (2011), quando se manifesta, é apresentada por uma excessiva preocupação com a autorrealização, o tédio ou a indiferença. Uma espécie de problemática espiritual (não no sentido religioso) que vem da frustração existencial.

E na tentativa de preencher esse vazio, verificou-se que o ser humano tem se afastado de si mesmo e procurado, nas superficialidades mundanas e no consumismo imediato, o derradeiro sentido existencial (AGUIAR e ANDRADE, 2021).

Então, com o advento da acelerada globalização, segundo Bauman (2014), o ser humano veio a se tornar imediatista em suas relações, transformando os sentimentos em algo mutável ou mesmo descartável. Dessa forma, o homem não consegue permanecer por muito tempo, no mesmo lugar, em razão do excesso de estímulos ofertados pela modernidade. Diante da impossibilidade de responder simultaneamente a tantos subsídios colocados à sua disposição, o indivíduo pode sentir-se vazio nessa busca incessante por preencher-se com algo desconhecido (AGUIAR e ANDRADE, 2021).

Com isso, o capitalismo utiliza-se da falta, implicada na insatisfação, para ofertar constantemente aquilo que o sujeito queira, seja de bens tecnológicos, do corpo perfeito, da

alimentação, da cosmética (PIMENTEL; CAMPELLO; CASTELO BRANCO, 2017), enfim, o homem consome-se de tudo: desde drogas de todas as espécies, à serviços dos mais variados possíveis (DUTRA, 2012), isto é, o sujeito está sempre em uma relação de consumo.

Diante do fenômeno da busca constante de encontrar uma forma de preencher as insatisfações existenciais, colocamos algumas interrogações: O fato do consumo exacerbado ser tão real e presente atualmente, não seria uma evidência sobre como a sociedade atual está diretamente afetada pelo vazio existencial? Na contemporaneidade, em um contexto capitalista de consumismo exagerado, o ser humano pode encontrar possibilidades de transformar sua vida e preencher seu vazio existencial? O consumismo seria uma das formas que o sujeito encontrou para amenizar seu vazio existencial intensificado pelas peculiaridades do contexto contemporâneo? Como as contribuições de Viktor Frankl podem se colocar como uma abordagem psicoterapêutica para trabalhar essa questão?

Este trabalho tem o objetivo de compreender como o indivíduo contemporâneo em suas questões existenciais, encontra-se numa relação entre o vazio existencial e o consumismo. Acreditamos que as reflexões sobre esta temática são um recurso necessário para a investigação da problemática existencial do homem contemporâneo. O que se pretende é estimular uma reflexão, elaborando assim, uma relação entre os pressupostos dessa teoria ao homem contemporâneo, que busca o consumo como ferramenta para preencher o vazio existencial.

Pois, como o sujeito lida com seu vazio existencial e a promessa capitalista de suplementar a referida falta por meio do consumismo, fez despertar o interesse para pesquisa diante das situações do homem em adquirir produtos supérfluos para preencher a sua incompletude.

Considerando a relevância do tema, pretende-se correlacionar a temática a partir das obras de Viktor Frankl com outros autores de referência, como, por exemplo, Zygmunt Bauman, que trata, mais especificamente, do vazio vinculado à contemporaneidade, e sobre o consumismo. Com isso, a pesquisa pode contribuir para debates acadêmicos da área, com a literatura sobre esse tema, contribuindo assim, para novas perspectivas e novos trabalhos.

No que lhe concerne, a Psicologia como ciência, deve-se atentar às implicações que o indivíduo está exposto na cultura em que se está inserido. Visto que, é um tema que vem crescendo na área, onde o sofrimento proveniente do consumo tem levado cada vez mais, profissionais da psicologia, a aprofundarem-se nas literaturas para entenderem o vazio existencial no sujeito. Sendo assim, refletir sobre o consumismo como sintoma desenvolvido no homem pelo vazio existencial, se faz relevante para entender a origem deste e pensar em como ele se dá em tempos marcados pela excessividade.

Observa-se que as relações de consumo como um possível adoecimento do sujeito, se faz necessário para a sociedade um olhar diferenciado sobre circunstâncias ditas “irrelevantes”, mas que tem obtido tempo, dinheiro e bem-estar psíquico do homem contemporâneo (PIMENTEL, CAMPELLO e CASTELO BRANCO, 2017).

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica de obras e artigos ligados à questão do vazio existencial e consumismo. Utilizou-se bibliografia diversa, tanto da abordagem teórica baseada nos conceitos da Logoterapia, criada por Viktor Frankl (1905–1997), como artigos do banco de dados da Scielo, Google Acadêmico, e capítulos de livros, utilizando-se fontes de dados e publicações adequadas aos temas, sendo uma síntese das pesquisas que se relacionaram com o assunto específico.

Posto isso, para uma melhor compreensão do texto, sua organização está disposta em tópicos: o primeiro irá abordar o conceito e etiologia referente ao vazio existencial; O segundo irá explanar sobre o vazio na sociedade contemporânea; posteriormente sobre a relação do consumismo com o vazio existencial e como a Logoterapia pode ajudar o indivíduo na busca pelo sentido; E por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O vazio existencial

Antes de falarmos sobre o vazio existencial, primeiramente precisamos entender o conceito de sentido de vida, que segundo Frankl, diz respeito à experiência de um significado para a vida do ser humano. Esse sentido é único, por diferir de pessoa para pessoa, e mutável, por mudar de situação para situação, de dia para dia ou até de hora para hora. Ou seja, cada um tem sua missão, tem um sentido específico, singular e irrepetível em dada situação da sua vida (Frankl, 2003).

E a busca por esse sentido é a motivação fundamental do ser humano, a ausência dela contribui para o surgimento de diversas formas de adoecimentos. Com isso, a presença do vazio existencial, é a generalização do sentimento da falta de sentido da vida, associado a inércia, apatia e irritabilidade (TEIXEIRA, 2006).

Entre a presença do vazio existencial, encontra-se o interlace da força intrínseca natural do ser humano, que se chama: a vontade do sentido. Um dos pilares da Logoterapia, se refere à busca contínua do ser humano por um sentido em sua vida. É um interesse primário do ser humano, o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos. É a força motriz da vida humana (FRANKL, 2005, 2011).

Por outro lado, quando a vontade de sentido é frustrada, gera-se uma sensação de futilidade, um sentimento de falta de sentido e de vazio interior ao qual Frankl denomina vácuo existencial. Outros sinônimos também são atribuídos a tal estado, como vazio existencial ou frustração existencial (FRANKL, 2012 apud SANTOS, 2013).

Frankl (2011), denominou vazio existencial, o sentimento de vazio advindo das inúmeras queixas que chegavam ao seu consultório. Mais que isso, considerou duas possibilidades de explicar a etiologia do problema. Frankl (1990 apud SILVEIRA e GRADIM, 2015) acredita que a sensação de falta de sentido, em primeiro lugar, deve ser atribuída à perda de instinto, o fato de o indivíduo não possuir instinto ou pulsão que lhe ditava o que deveria fazer; para guiarem suas condutas, onde o ser humano não tem uma programação genética que lhe indique todos os seus passos na trajetória da vida.

E segundo, a perda das tradições, onde as pessoas não se sabe para onde ir, ou para onde se está caminhando, sem apoio da tradição que orienta nossa escolha e frente à necessidade de tomar decisões, o homem fica “perdido” e mergulha em um profundo vazio existencial (SILVEIRA e GRADIM, 2015; GOMES, 1988). E o fato das convenções, tradições e valores, que poderiam orientá-lo em como agir, estarem desaparecendo com o passar das gerações e, em consequência, “ele mal sabe o que deseja fazer”. Nesse estado, ou ele acaba querendo fazer o que os outros fazem ou termina por fazer o que os outros querem que ele faça. Isto é, ele se torna vítima, respectivamente, ou do conformismo, ou do totalitarismo”. (FRANKL, 2013, p. 105 apud RAMOS e ROCHA, 2018).

Atualmente os pacientes se queixam com frequência da falta de sentido da existência; buscam encontrá-lo e, não conseguindo, um grande vazio existencial se apossa deles (GOMES, 1988). O vazio é um dos grandes problemas psiquiátricos que existem atualmente. “Quanto à origem do sentimento de falta de sentido, pode-se dizer, ainda que de maneira muito simplificadora, que as pessoas têm o suficiente com o que viver, mas não têm nada por que viver; têm os meios, mas não têm o sentido” (Frankl, 2000, p. 90 apud SILVEIRA e GRADIM, 2015).

O homem é único na procura de um sentido para sua vida, mas não precisa inventá-lo, com o propõe o existencialismo ateu de Sartre (para ele a vida é um absurdo). Segundo Frankl, o sentido é parte da existência humana, precisa apenas ser encontrado. Para Freud, o questionamento sobre o sentido é sinal de neurose; quando as pessoas o procuram estão literalmente enfermas (GOMES, 1988, p. 44).

O vazio existencial não é patológico: nem todos conflitos são necessariamente neuróticos. O sofrimento não é um fenômeno patológico e chega em muitas ocasiões a ser necessário para o crescimento da pessoa. Por esta razão, a tentativa de encontrar um sentido para a vida, não pode ser compreendida como transtorno mental, como entendia Freud (GOMES, 1988).

Frankl vai defender que os problemas, os conflitos de uma pessoa podem estar relacionados por sua dimensão psicológica, biológica e social, porém “não são determinados” por estes aspectos. Ainda que a pessoa tenha características visivelmente patológicas, sua concepção de mundo pode não ser patológica (GOMES, 1988).

No entanto, Frankl enfatiza que, o posicionamento perante ao vazio existencial pode também originar uma resposta patológica, se expressando, da mesma forma que o reconhecimento do vazio, como reação particularmente humana (SILVEIRA e GRADIM, 2015). Assim, por considerar a singularidade humana, é possível entender que “só ao homem é dado ter a vivência da sua existência como algo problemático; só ele é capaz de experimentar a problematicidade do ser” (FRANKL, 1986, p. 56 apud RAMOS e ROCHA, 2018).

À expressão patológica da frustração existencial, Frankl denominou Neurose Noogênica, por ter origem na dimensão noética (espiritual) do homem e se dar a partir de problemas existenciais (ROEHE, 2005 apud RAMOS e ROCHA, 2018). O convívio com a sensação de vazio existencial por tempo prolongado, assim como conflitos de valores, a falta de crença quanto a um sentido da vida ou a incapacidade em alcançá-lo, seriam as características principais da configuração dessa neurose (KROEFF, 2011 apud RAMOS e ROCHA, 2018). Frankl destaca que nem toda neurose é de ordem noogênica, pois pode se dar a partir das outras dimensões que organizam o indivíduo. Dessa forma, existiriam também neuroses sociogênicas, psicogênicas e, mesmo, iatrogênicas, “isto é, uma neurose causada pelo psicoterapeuta que pretende curá-la”. (FRANKL, 2013, p. 111 apud RAMOS e ROCHA, 2018).

Sobre a neurose sociogênica pode-se atribuir, juntamente com o sentimento da falta de sentido, o de futilidade diante da vida que, com seus principais sintomas, constituem a chamada “tríade da neurose de massa”, formada pela depressão, a agressão e toxicodpendência (FRANKL, 1990 apud RAMOS e ROCHA, 2018). O vazio existencial só se manifesta patologicamente quando o indivíduo recusa a conscientizar-se de seu estado e sentimentos, quando se nega a dar uma resposta a esse estado considerado angústia, que está levando-o a indagar sobre o sentido de sua vida (OLIVEIRA, s.d. apud SIMILI e FONSECA, 2016).

A sintomatologia da neurose coletiva, porém, pode se repetir ou modificar-se de acordo com a época, pois é provocada pelos apelos contemporâneos, em um contexto em que “a sociedade industrial tem em vista diretamente satisfazer, se possível, a todas as necessidades humanas, e seu efeito colateral, a sociedade de consumo, busca até mesmo gerar necessidades, para poder, em seguida, satisfazê-las.” (FRANKL, 2014, p. 283 apud RAMOS e ROCHA, 2018).

Frankl (2008), aponta que cada época tem a sua própria neurose e a da nossa época é justamente aquela gerada pelo vazio existencial. No tempo de Freud a problemática sexual ocupava o primeiro plano, ao passo que hoje a insatisfação sexual se configura menos como problema atual. A manifestação dessa neurose coletiva, parece se manifestar em nossa sociedade. Entretanto, os sintomas da neurose coletiva podem se resumir à esquivia da prática da responsabilidade e ao medo de vivenciar a liberdade (SILVEIRA e GRADIM, 2015).

Viktor Frankl ressalta que estamos em uma época onde, o que predomina é o sentimento do vazio existencial, sentimento este, que vem afetando milhares de pessoas. Na

adição, o ser humano sem se dar conta das causas, não percebe que tem várias pessoas sem tempo, correndo atrás do relógio e trabalhando sem parar, tudo devido a não saber como enfrentar o tempo livre, pois, isto seria basicamente enfrentar seu próprio vazio (XAUSA, 1986 apud SIMILI E FONSECA, 2016).

É muito provável que a falta de tensão seja muito mais perigosa do que o excesso e, em um mundo onde as pessoas já não têm tempo para nada, a simples parada de fim de semana tem a força de provocar surtos e enfermidades passageiras. A “neurose da desocupação” ou “neurose de fim de semana” é consequência da inércia do homem máquina, chamado a produzir e só reconhecido pelo que produz, incapaz de suportar o vazio, a inação do fim de semana, das férias, a aposentadoria. Parado, não sabe o que fazer com o tempo vazio; cai nas fobias, desespera-se e quer manter-se na situação anterior (GOMES, 1988, p. 48).

Observa-se que o vazio existencial, surge em decorrência de uma falta de metas, objetivos que valham a pena serem realizados durante a existência, ou seja, o indivíduo necessita de conteúdo significativo pelo qual viver. Tal estado de vazio aumenta a angústia resultante de uma tensão entre o que é e o que se deveria ser, entre o lugar que está e a meta que deve ser alcançada (SIMILI e FONSECA, 2016).

2.2 O vazio na contemporaneidade

A contemporaneidade se refere ao tempo atual. Vivemos numa era caracterizada por uma cultura do excesso, cada vez mais, em que tudo se torna intenso e urgente. Portanto, vivemos um momento de mudança. Vivemos o ritmo acelerado de um tempo transitório e líquido (BAUMAN, 2004).

Considerado grande autor do séc. XX e XXI, Zygmunt Bauman (1925-2017), foi um sociólogo e filósofo polonês, com diversas publicações sobre o que ele denominou de modernidade líquida. O autor ressalta que o modo de vida produzido pela sociedade líquida-moderna desvencilha-se dos tradicionais mecanismos de ordem social, de uma maneira sem precedente. Onde o contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas (Bauman, 2006/2008). Nesse sentido, na contemporaneidade, a visão que o indivíduo possui de si, nasce da relação com o contexto de mudança que o impele a permanecer em intenso movimento (SILVA; MENDES; ALVES, 2015).

Com a chegada da acelerada globalização, segundo Bauman (2014), o ser humano veio a se tornar imediatista em suas relações, transformando os sentimentos praticamente descartáveis. Dessa maneira, ele não consegue permanecer por muito tempo no mesmo lugar em razão do excesso de estímulos ofertados pela modernidade. Diante da impossibilidade de responder simultaneamente a tantos estímulos colocados à sua disposição, o indivíduo pode sentir-se vazio nessa busca incessante por preencher-se com algo desconhecido (AGUIAR e ANDRADE, 2021).

A sociedade contemporânea, denominada por Bauman (2007 apud FLOR e LIRA, 2017), de sociedade líquida, se aproxima do que Heidegger nomeia de era da técnica. Segundo Bauman:

"Líquido moderno" é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez, assim como a sociedade líquida-moderna não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (BAUMAN 2007, p.7).

Nesta sociedade, destaca-se a pressa, a eficiência e o consumo. É a mesma sociedade que tanto favorece a descoberta da cura de doenças, com os avanços na medicina, é a mesma em que se fabrica a violência, os vícios, as depressões, o suicídio. “Consequência da coisificação do ser humano, nesse contexto social, tudo se esvai, como um líquido que escorre por entre nossas mãos sem conseguirmos senti-lo por muito tempo, inclusive os vínculos afetivos” (DUTRA, 2012 p. 932).

O sociólogo Bauman, como grande pensador crítico, traz em seu livro “*Vida para Consumo*”, uma análise sobre a contemporaneidade a partir da concepção de uma sociedade de consumidores, que ocorre nas relações entre os consumidores e os objetos de consumo, tendo como ideia central de que esta sociedade acaba transformando as pessoas em mercadorias, na busca desenfreada e sempre muito bem estimulada pela mídia, pela moda, pelos grupos sociais, de sempre se estar à frente do tempo, de ser notado, seguido, valorizado e, porque não cultuado (MATTOS, 2016).

A contemporaneidade trouxe nova vida, o valor agora não era só a sobrevivência, contudo as facilidades da vida moderna exigem pressa, consumismo exagerado e desenfreado. O indivíduo age sem clareza de seus objetivos e sem mesmo saber o porquê está agindo, só segue o fluxo, sem refletir, nem procurar sentido; como mencionado no capítulo anterior, onde Frankl fala que nos tornamos vítimas do conformismo ou do totalitarismo, e com isso, se busca cada vez mais riquezas, e poder, e dessa forma, destrói o presente, culminando em uma confusão dos valores (FLOR e LIRA, 2017).

O ser humano renuncia à sua autenticidade e unicidade para seguir o que os outros fazem ou querem que ele faça, se reduzindo a ideias e dimensões únicas, esquecendo sua pluralidade humana, dentro da unicidade. Quando o homem aceita este reducionismo deixa de ir além de suas capacidades e possibilidades, deixando de exercer seu poder de autotranscendência (FRANKL, 1991 apud FLOR e LIRA, 2017).

Na contemporaneidade o homem se distancia do verdadeiro sentido de sua própria existência, porém mesmo diante das adversidades cotidianas a vida precisa de novos sentidos, e Frankl (1989 apud FLOR e LIRA, 2017) nos fala com muita propriedade de sua experiência no campo de concentração de Auschwitz e Dachau, quando diz que para sobreviver nestes campos, precisava pensar em um futuro, porque a realização de algo no futuro dava novo sentido à sua vida, mesmo diante do cenário vivido por ele nas prisões.

Atualmente, esse desejo pela busca de sentido aflorou e o sujeito contemporâneo precisa encontrar um sentido de vida para combater o vazio existencial, busca que também é terapêutica e gera regulação emocional (SANTOS, 2013).

Na Idade Média, foi marcada por uma sociedade ocidental que se desenvolveu como uma cultura patriarcal, e valores como poder, autoridade e força, passaram a dominar e prevalecer nas relações humanas. Por outro lado, diversos aspectos da experiência e da realidade como os sentimentos, a intuição, o acolhimento e a sensibilidade foram deixados de lado pelo próprio homem em busca somente de progresso e poder. Porém, o homem ocidental sofre as consequências dessa dualidade de valores e atitudes, sentindo-se solitário, vazio e desesperançado com a própria humanidade em meio às conquistas e avanços tecnológicos, que o levam a distanciar-se de sua própria natureza (CARDELLA, 1994 apud SIMILI e FONSECA, 2016).

Já a sociedade contemporânea é marcada pela cultura consumista, onde se preconiza a busca da valorização da imagem, e da felicidade a todo custo. O consumo é o grande valor adotado e perseguido por todos. Como se não fosse mais permitido sentir-se infeliz. Por qual seria o motivo de sentir-se infeliz num mundo repleto de soluções materiais? Pois, se atendem à demanda de um mundo de ofertas atraentes, vendendo a ilusão de uma felicidade e realização pessoal como se fossem mercadorias (DUTRA, 2012).

A experiência é de falta de sentido e de vazio existencial, com predomínio do breve e superficial, com falta de interioridade e reflexão, levando à perda da vivência de profundidade e reflexão com banalização do compromisso em favor da superficialidade nas relações, ritmo de vida veloz, da tecnologia interposta entre as pessoas (telefone celular, computador). Tudo isso pode proporcionar a diminuição de trocas afetivas profundas e uma auto-centração feita de enaltecimento de si próprio (TEIXEIRA, 2006).

Resulta sentimento de ausência de sentido, o vazio existencial no qual o indivíduo vive sem direção e sem expectativas. Como foi referido anteriormente, pode emergir através dos comportamentos vegetativos, nihilista e aventureiro mas também no envolvimento compulsivo em atividades, depressão, comportamentos obsessivos, transtorno de pânico, comportamento alimentar e/ou abuso de substâncias (TEIXEIRA, 2006).

É válido ressaltar, ademais, as características da tríade primeira estabelecida por Frankl, pois trata de patologias derivadas da ausência de sentido, e que muito se adequa a realidade atual. Sobre a depressão, Frankl (1990 apud RAMOS e ROCHA, 2018) enfatiza que a sua manifestação extrema, o suicídio, tem como principal motivação exatamente a sensação de falta de sentido. O mesmo ocorreria com a agressão e a toxicod dependência, que se iniciaram, principalmente, partindo do pressuposto de que quanto maior for o sentimento de falta de sentido, maior a tendência ao comportamento agressivo ou voltado à dependência de álcool e/ou outras drogas.

Todavia, segundo Frankl (2008), é importante afirmar que:

Nem todo caso de depressão pode ser atribuído a um sentimento de falta de sentido. Muito menos o suicídio, — a que a depressão às vezes leva a pessoa — sempre é resultado de um vazio existencial. Contudo, mesmo que todo e qualquer caso de suicídio não tenha sido concretizado devido a um sentimento de falta de sentido, é bem possível que o impulso de tirar a vida tivesse sido superado se a pessoa tivesse estado consciente de algum sentido e propósito pelos quais valesse a pena viver (Frankl, 2008, p. 165).

O vazio existencial ainda pode estar mascarado por diversos tipos de compensações, até mesmo por formas mais primitivas da vontade de poder, assumindo a forma de ganância financeira, vontade de dinheiro, ou de prazer. Nesta, as compensações podem assumir as formas de “inflação sexual”, em que o prazer sexual é buscado desmesuradamente (Frankl, 2003, p. 204 apud SANTOS, 2013). Outras compensações podem ocorrer ainda através do uso de recursos bioquímicos (Pereira, 2007 apud SANTOS, 2013) ou do consumismo (Silva, 2012 apud SANTOS, 2013), entre tantas outras possibilidades.

Tais características reforçam a continuidade e a persistência do vazio existencial no indivíduo na sociedade contemporânea. A neurose coletiva contemporânea se daria na sequência de “faltas” de sentido que foram assolando os sujeitos com o passar do tempo e se concretiza na prática veemente da sociedade - o hiperconsumo (FRANKL, 1991 apud RAMOS e ROCHA, 2018).

Marcada também pelo individualismo, o mundo contemporâneo se associa ao consumismo, à obtenção do prazer imediato, incentivada pelos reforços capitalistas que buscam minimizar o mal-estar (NUNES e JESUS, 2021). Nesse contexto, a exposição a diferentes estímulos e ao consumismo evidenciam em alguma medida uma intensa busca por preencher um certo vazio e encontrar um sentido para a vida. Esses excessos, porém, podem levar, não à superação desse vazio, mas sim à perda de sentido existencial, potencializando cada vez mais o sofrimento (AGUIAR e ANDRADE, 2021).

Logo, pode-se verificar que o sofrimento pode estar associado ao vazio existencial – e ambos podem se expressar nas manifestações excessivo consumo de bens materiais, voltados para o preenchimento dessa lacuna existencial (GOMES; CARVALHO; SILVA, 2021).

2.3 O consumismo e o vazio existencial

Como mencionado nos capítulos anteriores, o vazio existencial se tornou, na contemporaneidade, um grande desafio para o homem. Pois, no desespero do homem de não se sentir vazio existencialmente, ele acaba buscando no consumismo, um modo de preencher seu vazio existencial (SILVA et al., 2009 apud SIMILI e FONSECA, 2016). Destarte, esse capítulo busca ressaltar essa temática.

E para contextualização, partiremos do princípio que o desenvolvimento da sociedade de consumo ocorreu na expansão da atividade industrial ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. As frequentes invenções e a modernização da produção levaram a um aumento dos níveis de consumo e à expansão dos mais diversos produtos, sendo eles úteis ou não. Para manter isso, o consumo tem sido incentivado de várias maneiras, principalmente pelo culto aos bens e pelo crescimento da mídia publicitária (PENA, *s.d*).

É por meio desse consumo e de suas mudanças que Bauman se apresenta para estudar o impacto de tudo isso na vida dos indivíduos, como próprio afirma o autor em questão “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2008, p.22).

Para Bauman, o consumo como fenômeno que regulamenta as ações sociais, políticas e cotidianas é o que o torna peculiar nas sociedades contemporâneas. Se o mercado passa a ser o novo espaço modelador da vida, é através de suas leis que as relações em disputa pelo poder, identidade e inclusão/exclusão passam a ser reconfiguradas. Dentre elas, encontra-se a desregulamentação, a produção incessante de desejos materializados em produtos e, em consequência, o desperdício (CAMINHA, 2009).

A “sociedade de consumidores”, para BAUMAN (2008, p. 71), representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.

O consumismo, uma das principais características da sociedade contemporânea, vem sendo motivo de preocupação de diversos setores da sociedade, como, por exemplo, na área da psicologia, que teme pelos reflexos do consumo desenfreado de bens e serviços e os efeitos do excesso de apego aos bens materiais sobre o desenvolvimento individual e social das pessoas (VAZ, 2013).

E o capitalismo utiliza dessa falta, implicada na insatisfação, e nesse apego, para ofertar constantemente o que o sujeito queira se apropriar, seja ele de bens tecnológicos, do corpo perfeito, da alimentação, da cosmética (PIMENTEL, CAMPELLO e CASTELO BRANCO, 2017), enfim, o homem consome-se de tudo: desde os fast foods às drogas, de todas as espécies (DUTRA, 2012), como também se consomem via exposição a ‘internet’, produtos estes, ofertados por influencers, ou seja, o sujeito está sempre nessa relação de consumo.

Para Bauman (2008), o consumidor, antes de ser sujeito, é primeiramente uma mercadoria. Se antes, na sociedade de produtores, o produto do trabalho era transformado em mercadoria, na sociedade de consumidores, são as próprias pessoas transformadas em mercadoria. Compra-se e vende-se “símbolos” na construção da identidade.

O consumismo é um atributo da sociedade, diferentemente do consumo, que é se trata de uma prática cotidiana exercida naturalmente pelas pessoas. Bauman evidencia o modo como esta sociedade está configurada, argumentando que ela carrega certas sinalizações existenciais e que seus membros seguem esses referenciais sem refletir acerca do que realmente querem para si e quais as maneiras justas e equilibradas de alcançar suas metas (BAUMAN, 2008).

Os mecanismos de consumo utilizados pela contemporaneidade na tentativa driblar o estado de solidão e com isso não se deparar com o sofrimento, gera, na verdade, aumento do vazio existencial no homem, pois estes mecanismos são desprovidos de sentido e sentimentos verdadeiros (FLOR e LIRA, 2017).

O vazio existencial vivido atualmente aumenta à medida que acompanha as novas tecnologias e a globalização. A sociedade de consumo cria novas necessidades, mas a vontade de sentido permanece insatisfeita e a busca incessante pelo preenchimento do vazio leva o homem a percorrer diversos caminhos e alienar-se por coisas ou sistemas e assim perder o sentido da vida (FLOR e LIRA, 2017). E perdidos em meio a tantas mudanças e transformações, se afastam cada vez mais de sua subjetividade e essência (DUTRA, 2012).

Nesse contexto, a exposição a diferentes estímulos e ao consumismo, seja eles: drogas, bebidas, dinheiro, prazer, trabalho, entre outros, tem prevalecido nas classes médias e altas, mas também, em alguma medida, nas classes populares, embora de formas diferentes e conjugadas a privações e carências sociais, onde, segundo Bauman:

O pobre é forçado a uma situação na qual tem que gastar o pouco dinheiro ou poucos recursos de que dispõe com objetos de consumo sem sentido, e não com suas necessidades básicas, para evitar a total humilhação social e evitar a perspectiva de ser provocado e ridicularizado (BAUMAN, 2008, p. 74).

O consumo é um investimento em tudo que serve para o “valor social” e a autoestima do indivíduo.

“Em uma análise filosófica-psicológica da disposição consumista, parte do pressuposto de que a busca contínua pela aquisição de bens materiais, não importando sua hierarquização qualitativa, nasce de uma tentativa subjetiva de se preencher simbolicamente um nível de existência privada de substancialidade, interiormente vazio. A dedicação exaustiva ao trabalho como forma de se manter o padrão de vida ansiosamente obtido, o medo de se perder status social, perante as oscilações econômicas, são fatores que possibilitam o surgimento do vazio existencial” (BITTENCOURT, 2011 apud SIMILI e FONSECA, 2016 p. 4).

Bem como, tudo na atualidade está mediado por um discurso do consumo, de ordem material ou intelectual. Não é difícil imaginar que exista uma dinâmica similar na aquisição de bens – materiais ou intelectuais. Segundo Amigo (2008, p. 95 apud DE OLIVEIRA MARTINS et al., 2013), “Bauman pode afirmar que o consumo é arquétipo de toda a nossa conduta e não se circunscreve só aos centros comerciais”. Ou seja, essa mesma necessidade que o homem tem de comprar um produto palpável para satisfazer essa falta, e/ou o vazio, também é encontrada naquele que necessita de conhecimento.

O saber serve para tampar a sua falta e o conhecimento lhe dá um lugar no suposto saber, com uma dupla finalidade, diferenciadas, mas interligadas: tanto para dar sentido e coerência de existência como para dar um lugar que se diferencie do outro. O consumo também está aí. Não se trata só de uma mera aquisição material, mas há algo faltoso na constituição do sujeito que precisa ser buscado para cumprir um sentido de satisfação, seja dos “bens” materiais ou de “bens” intelectuais (DE OLIVEIRA MARTINS et al., 2013).

O discurso consumista se encontra dentro de uma dupla compreensão, pois pode tanto informar quanto alienar, tanto esclarecer quanto manipular. É inegável como os discursos se tornaram um instrumento de poder, e quem detém esse conhecimento tem influenciado diversos setores da sociedade. Eis um dilema apresentado por Cashmore (1994, p. 7 apud DE OLIVEIRA MARTINS et al., 2013): “a sociedade se vê diante de uma força brutal que tenta impor valores éticos e padrões culturais de um grupo para todo o conjunto social”.

Os novos mecanismos de consumo inserem um modo de subjetivação específica no sujeito. A oferta de felicidade pelo produto adquirido se torna inalcançável. O que se quer não

pode ser encontrado e sustentado no objeto. Na aquisição deste, vivencia-se uma experiência em simultâneo, de frustração e motivação para uma nova busca. O valor que se dá ao produto é provisório, pois não se baseia na satisfação das necessidades do indivíduo. Assim sendo, o objeto perde seu poder no encontro com o sujeito. Porém, a mercadoria (objeto) se encontra na ilusão das satisfações do desejo, ou simplesmente, de preencher o seu vazio (DE OLIVEIRA MARTINS et al., 2013).

Segundo BAUMAN (2008, p. 45): “novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos”. Se assim não fosse, não haveria a necessidade de consumir tanto o tempo todo. Com isso, não existe um final, pois o desejo é a experiência daquilo que falta. O mecanismo motivador do consumismo é este: cada nova experiência está ligada a um novo objeto, daí a grande produção de novas mercadorias para suprir a demanda de novas experiências.

Tal como apontado por BAUMAN (2008, p. 63): “a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito”. Assim como Amigo (2008, p. 95 apud DE OLIVEIRA MARTINS et al., 2013): “a vontade de viver experiências inéditas ou mais intensas não pode alcançar nunca um estado de satisfação definitiva, porque, para mantê-la em movimento, as opções de consumo precisam somente ser novas”. O tempo do consumo traz em si uma lógica: viver o desejo de novidade é a versão mais nova do consumismo.

Vivemos numa era em que acumulamos, cada vez mais, bens desnecessários, que ao passar do tempo se tornarão “velhos”, e conseqüentemente, adotamos um estilo de vida hiper individualista, egoísta e competitivo. Estilo esse que nos adaptará perfeitamente a uma vida que se estrutura na produção e no consumo. Entretanto, a adoção deste estilo de vida não é suficiente para preencher os vazios existenciais que o sistema capitalista contemporâneo nos deixou (DA SILVA, A. e DA SILVA, M., 2019).

Os produtos se renovam na medida em que o desejo pede algo de novo, de melhor para a sua satisfação. O ciclo incessante de satisfação-insatisfação-satisfação tem seu correspondente exato no ciclo mercadológico produção-consumo-produção, que adota a regra da renovação-envelhecimento-renovação dos produtos. Eis a ambigüidade inerente à cultura de consumo: o desejo não pode extinguir-se para que os produtos não acabem e, em simultâneo, o desejo precisa cessar para que o novo produto possa ser criado, ou ao menos renovado, mesmo que em sua aparência (DA SILVA, A. e DA SILVA, M. 2019 p.49).

No capitalismo, este tipo de consumo vincula os produtos a valores. E como estes produtos logo são substituídos os valores são praticamente momentâneos. Logo são descartados caso isso seja o desejo da sociedade de consumo. O consumo deixa de ser um modo de organizar a economia e a sociedade para ser também um modo de viver a vida, de representá-la e de dar-lhe valor. Este modo de vida traz consigo as ansiedades psicológicas que envolvem uma sociedade que se estrutura no consumo (Lipovetsky 1989 apud DA SILVA, A. e DA SILVA, M., 2019).

Na sociedade atual investe em sua saúde, informação para si, seu lazer, seu aprimoramento pessoal e assim esfria a história e a congela numa sucessão de instantes isolados e sem rumo. Eis aí o mal estar em que vivemos na contemporaneidade (DA SILVA, A. e DA SILVA, M., 2019). Com isso, cumpre avaliar que o sujeito está preso em um labirinto no qual o discurso capitalista o convida para desejar mais, sendo o mesmo que lhe adoece e em seguida oferece uma medida para uma possível sustentação de sua angústia (PIMENTEL, CAMPELLO e CASTELO BRANCO, 2017).

Não se pode relegar o limite do sentimento de vazio que temos hoje em nossas relações sociais, fato evidente nas sociedades industrializadas, o que se revela como um estar em todos os lugares e, ao mesmo tempo, não se estar em lugar algum, no sentido efetivo de

pertença. O indivíduo, deste modo, liberado de toda amarra, mas também desprovido de toda a individualidade, está pronto para se juntar a qualquer grupo, pronto a passar a identidade que se queira bem lhe propor, ou seja, tudo menos o vazio (DA SILVA, A. e DA SILVA, M., 2019).

Sabemos que o consumo é inevitável para a sobrevivência do indivíduo, mas qual o limite para oferecê-lo? O capitalismo especializa-se nas idealizações para alcançar o mérito de “Eu preciso de...”, sendo a palavra precisar utilizada demasiadamente, de forma que o seu sentido é encoberto pelo consumo descartável (PIMENTEL, CAMPELLO e CASTELO BRANCO, 2017).

Observa-se, porém, diferentes formas de superar essa falta. Frankl (2015, p. 69 apud AGUIAR e ANDRADE, 2021), ressalta que “O homem existencialmente frustrado não conhece nada com que possa preencher aquilo que denomino seu vazio existencial”. Nessa perspectiva, para não explicitar a falta de algo. “[...] existe a ascendência quase universal da forma consumista de ser e estar no mundo, moldada de acordo com o padrão dos consumidores nos supermercados – [...]” (BAUMAN, 2014, p. 176).

A questão sobre como lidar com o vazio se apresenta na atualidade, sendo um grande problema da sociedade de consumo. Adicionalmente, pôde-se dizer que, mesmo diante dos avanços e progressos trazidos pela modernidade, o ser humano não ficou isento de suportar os sofrimentos inevitáveis da existência humana: “somente a firmeza e a atitude permitem que o homem dê testemunho de algo daquilo que só ele é capaz: transformar e remodelar o sofrimento no nível humano para torná-lo uma realização” (FRANKL, 2015, p. 27 apud AGUIAR e ANDRADE, 2021).

Sem autoconhecimento, o indivíduo permanece identificando-se com os padrões estabelecidos por si mesmo durante seu percurso existencial, levando assim uma vida sem sentido e, sentindo uma constante insatisfação e vazio interior, que por sua vez, o leva ao consumismo desenfreado. O autoconhecimento só é possível através da auto-observação: observar a si mesmo sem avaliação ou condenação e do auto-estudo: investigar e compreender o porquê e para quê de sua insatisfação e vazio existencial, ambas, desde que exercidas, promovem ordem interior, quando interiormente estamos em ordem, estamos em perfeito equilíbrio com as nossas reais necessidades de consumo (OLIVEIRA, 2015 apud SIMILI e FONSECA, 2016).

2.4. Uma resposta ao vazio: como a Logoterapia ajuda o indivíduo a encontrar sentido

O vazio existencial e o consumo estão conectados e presentes na vida do ser humano. Atribuído a partir de uma perspectiva que considera os fenômenos existentes como dificuldades para a realização humana em vários âmbitos da vida, as obras de Viktor E. Frankl, apresentam-se como possíveis caminhos para que o homem saiba superar o sofrimento que atravessa a sua vida.

Considerando que a fenomenologia-existencial é uma abordagem que considera a subjetividade da existência humana (liberdade de existir), maneira que o sujeito se comporta como um ser-no-mundo (faz suas escolhas; afeta e é afetado através do mundo, na qual é uma rede de significado de relações) e sente (angústia, vazio existencial, culpa, etc.), se faz importante refletir o que leva o sujeito a um consumo exagerado (PENHA, 2001 apud BARBOSA, 2017).

Assim, entender sobre: o que está em excesso na sua vida? O que você anda consumindo? São perguntas simples, mas que trazem grandes reflexões sobre como está a nossa saúde mental. Nenhum excesso é saudável, então, se perceber que está se excedendo, seja na aquisição de medicamento, comida, álcool/drogas, vestuário, tecnologia, consumo

intelectual, e por aí adiante, se questione: “o que está faltando na minha vida?”, “o que falta ser tratado?”; pois, muitas vezes, esses excessos nos levam a esconder algumas questões da nossa vida, que nos trazem frequentemente a um estado de solidão, angústia, vazio, e essas sensações podem procederem de feridas profundas, onde a psicoterapia pode nos ajudar a resolver esses conflitos.

O objetivo da psicoterapia não é enquadrar o paciente em padrões morais ou em modelos teóricos, mas buscar compreender as possibilidades singulares de existir de cada um, tal como ele as experimente em suas relações com as pessoas e coisas que lhe vêm ao encontro no mundo (LESSA; NOVAIS DE SÁ, 2006, p. 394 apud BARBOSA, 2017).

A fenomenologia existencial, busca compreender e contribuir para que o sujeito se perceba como um ser além do seu corpo físico, mas um ser que sente através do psíquico. Conforme Penha (2001 apud BARBOSA, 2017), a fenomenologia-existencial destaca a importância da percepção, ou seja, observar o fenômeno tal como se apresenta à consciência enquanto intencional, deste modo o processo se torna mais significativo. Tal olhar visa explorar o sentir e sentido do sujeito perante sua existência, trazendo sua percepção para a consciência, sem ser necessário o retorno a eventos do passado, mas sim focar no aqui e agora (GOMES; CASTRO, 2010 apud BARBOSA, 2017).

Através da autoconsciência somos capazes de lembrar o modo que agimos ao longo de nossa vida e, aprendendo a lidar nas situações adversas que nos apresentam no dia-a-dia é que conseguiremos identificar o que nos falta, e o que verdadeiramente nos preenche interiormente. Ou seja, a autoconsciência nos dá a habilidade para nos afastarmos daquilo que nos é imposto pela sociedade, aos estímulos e reações, e, assim nos dá a possibilidade de fazermos uma pausa e avaliar, decidir qual será a resposta perante a situação, ao vazio que ali se instala (MAY, 1994 apud SIMILI e FONSECA, 2016).

Frankl (2005), no que lhe concerne, tem sua visão própria, que desenvolveu já desde suas primeiras apurações na infância, e foi amadurecendo ao longo de sua trajetória: o sentido da vida precisa ser descoberto, e não criado pela pessoa, diante das circunstâncias que a vida lhe apresenta, por mais difíceis que sejam.

Com isso, segundo Frankl (2003, 2008, 2011 apud SANTOS, 2013) há três possibilidades de encontrar sentido nas situações da vida, através dos valores de criação, criando um trabalho ou praticando um ato, por exemplo, uma obra a se fazer.; dos valores de experiência (ou vivenciais), experimentando ou encontrando alguém, ou seja, vivenciar um amor, uma boa amizade, uma música, uma obra de arte, apreciar a natureza; e por fim dos valores de atitude, que se dão quando o homem toma uma posição diante de circunstâncias inevitáveis como o sofrimento, a culpa e/ou a morte. Vale ressaltar que o sentido é encontrado quando o homem se volta para fora de si e não fica centrado em si mesmo.

Respondendo assim, a pergunta em que o ser humano pode sim, encontrar possibilidades de transformar sua vida e preencher seu vazio existencial. Por isso, o homem pode se posicionar e dar respostas às perguntas que a vida possa fazer. Cada momento traz uma pergunta, que representa um desafio e uma exigência — a vida desafia a pessoa a responder. “Responder a” é responsabilizar-se, comprometer-se perante uma tarefa que se apresenta, perante uma ou mais pessoas, perante Deus (SILVEIRA e GRADIM, 2015).

Cabe ressaltar que a psicologia de Viktor Frankl, na prática clínica, como mencionado, apresenta-se como uma teoria relevante e consistente para atender às demandas psíquicas do indivíduo e seus imperativos na busca de um sentido existencial na contemporaneidade. “Nesse contexto, em termos clínicos, o que, de maneira particular, interessa à logoterapia é o esforço em levar o indivíduo à experiência vivencial da responsabilidade pelo cumprimento dessa sua missão” (PEREIRA, 2021, p. 53 apud AGUIAR e ANDRADE, 2021).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível desenvolver uma correlação que facilitou a ampliação na compreensão das teorias. A psicologia de Viktor E. Frankl, apresentou-se como uma teoria importante para entender às demandas psíquicas do homem na busca de um sentido existencial, e Bauman, que ofereceu um meio para o entendimento da sociedade contemporânea e do comportamento da população, sobre um modelo de consumismo imposto pelo capitalismo que produz efeitos em nossas vidas.

No desenvolvimento desta pesquisa, possibilitou-se entender o indivíduo contemporâneo e suas questões existenciais, especialmente a relação entre o vazio existencial, com o consumismo, e levantando assim, alguns questionamentos refletidos no decorrer do estudo, que a partir da revisão, apontou-se que, entender o vazio existencial, na contemporaneidade, é sim, necessário e pode ajudar o homem em sua busca de sentido, contribuindo na maioria para o bem-estar de toda a população afetada pelo sofrimento psíquico.

Observou-se nos capítulos, o consumismo como uma necessidade do ser humano, que se sente perdido por não ter um valor de referência. Sendo assim, as relações de consumo se fazem presente de forma intensa, com consequências para a sociedade, que utiliza do consumo como caminho de preenchimento do sujeito.

Para Frankl, a grande questão do homem contemporâneo era o vazio existencial, a falta de um para quê viver, que o levava ao desespero e se manifestava concretamente pelo suicídio, violência e vícios. Bauman, em suas obras, discorreu sobre a transição da sociedade sólida para líquida apontando algumas mudanças como fatores que contribuíram para essa transformação. Este autor empenhou-se em compreender como os fenômenos da modernidade impactam nas relações humanas e tornam o homem imediatista. Ainda, estudou o consumo desenfreado advindo do capitalismo, buscando compreender os fatores sociais que permeiam a contemporaneidade (GOMES; CARVALHO; SILVA, 2020).

Constatando, sim, que o consumo seria uma das formas que o sujeito encontrou de compensação para amenizar seu vazio existencial intensificado pelas peculiaridades do contexto contemporâneo. Pois, somos afetados pelo consumismo, prevalecendo a promessa de um pertencimento ilusório.

Certificou-se também, que a proposta da Logoterapia é resgatar a consciência de humanidade do homem e, quando Bauman discorre acerca do homem moderno, fica evidente que ambos os autores concordam que o capitalismo de consumo busca destituir o ser humano de suas capacidades mais humanas, incluindo aí a liberdade acompanhada de responsabilidade. Neste ponto, se esclarece que a liberdade da vontade é uma característica essencialmente humana. Já a liberdade trazida por Bauman referente a do homem moderno é submetida aos caprichos do mercado econômico, e incentivada a ser concretizada através do consumo e em um ritmo tão acelerado, que este homem parece não refletir sobre como sua liberdade de fato está sendo exercida (GOMES; CARVALHO; SILVA, 2020).

Entretanto, existem outros pressupostos e autores que poderiam auxiliar a complementar ainda mais essa trajetória. Já que, Frankl possibilita sua teoria a dialogar com outros autores, além dos que foram citados no decorrer deste trabalho. Portanto, a pesquisa pode contribuir para debates acadêmicos da área, com a literatura sobre essa temática, mas que pode servir para novas perspectivas e novos trabalhos que pretendem relacionar com outros autores de referências.

Tendo em vista os aspectos apresentados, conclui-se que, o indivíduo do vazio existencial não sabe o que se deve fazer, logo, ele acaba se ocupando com outras coisas, como apontado no trabalho, com o consumismo. Contudo, não se trata de evitarmos o que o tempo do consumo nos demanda, mas de criarmos sentidos de autonomia frente ao que está posto no mercado e sermos um pouco mais problematizadores, sermos articuladores de sentido, e

assim, ajudar a refletir melhor. Com isso, precisamos pensar melhor sobre tudo, principalmente em tempos de crises, precisamos nos conectar com nossas vivências pessoais, e ter um questionamento de consciência.

Dessa forma, tanto o presente estudo, quanto a psicologia e as contribuições de Frankl, podem auxiliar o indivíduo a encontrar sentidos para a sua vida, de modo que se motive para cuidar de si, dizendo um sim à vida, apesar dos empecilhos que ele pode enfrentar. Por fim, para quem está vivenciando esse vazio e precisa de ajuda, não hesite em procurar a ajuda de um profissional, pois, ele pode ajudá-lo a encontrar maneiras de preencher o vazio de sua existência da melhor maneira possível.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. H. C.; ANDRADE, A. M. M. Vazio Existencial e Sofrimento Psíquico na Vida Contemporânea: A Busca de Sentido. **Cadernos De Psicologia**, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 539-554, jan./jun. 2021. <Disponível em> <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3160> Acesso em: 06 de abril de 2022.

BARBOSA, M. D. Um olhar clínico diante do alcoolista: a fenomenologia existencial e suas contribuições. **Revista Sítio Novo**, v. 1, p. 158-167, 2017. <Disponível em> <http://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/56>. Acesso em: junho de 2022.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. Universidade do consumo: o novo senso de insignificância e a perda de critérios. In: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leônidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade** líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 158- 200.

CAMINHA, M. A vida para o consumo: sujeitos como mercadoria. **Revista Contracampo**, n. 20, p. 205-213, 2009. <Disponível em> <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17188/10826> Acesso em: Julho de 2022.

DA SILVA, A. C. B; DA SILVA, M. C. C. B. A era do vazio: o neotribalismo como lugar de sentido. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 9, n. 1, p. 48-61, 2019. <Disponível em> <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/468> Acesso em: 15 de abril de 2022.

DE OLIVEIRA MARTINS, J. C. et al. Sobre ter e ser a partir das coisas: Reflexões sobre consumo, subjetividade e satisfação no tempo livre. **Revista Subjetividades**, v. 13, n. 3-4, p. 591-618, 2013. <Disponível em> <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5095> Acesso em: 16 de abril de 2022.

DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012. <Disponível m> <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844639013.pdf> Acesso em: 07 de abril de 2022.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, V. E. **Um Sentido Para a Vida: Psicoterapia e Humanismo.** (tradução: Victor Hugo Silveira Lapenta) Aparecida-SP: Ideias & Letras 2005.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **A Vontade de Sentido. Fundamentos e Aplicações da logoterapia.** Tradução Ivo S. Pereira. São Paulo: Paulus, 2011, 222 p. - Coleção Logoterapia.

FLÔR, G. G. A.; LIRA, E. S. A logoterapia diante da vontade de sentido na contemporaneidade. **Rev. Il Combracis**, v. 1, Campina Grande, 2017. <Disponível em> https://editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2017/TRABALHO_EV071_MD1_SA13_ID878_04052017222347.pdf Acesso em: 06 de abril de 2022.

GOMES, J. C. V. **A prática da psicoterapia existencial: uma aproximação a obra de Viktor Frankl e o movimento humanístico existencial da Escola de Viena.** Petrópolis : Vozes , 1988.

GOMES, R. D. C.; DE CARVALHO, M. C. N.; DA SILVA, M. H. B. A Liberdade da Vontade Diante dos Fatores Sociológicos: uma Aproximação entre as Teorias de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 2, p. 34-47, 2020. <Disponível em> <https://psico.fae.emnuvens.com.br/psico/article/view/321> Acesso em: maio de 2022.

MATTOS, G. Resenha do livro Vida para consumo. Triade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 193-197, 2016. <Disponível em> <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2611> Acesso em julho de 2022.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 15, p. 345-356, 2010. <Disponível em> <https://www.scielo.br/j/psuf/a/HxrrqnNtNcfvGT5xQwbmNTf/abstract/?lang=pt>. Acesso em Junho de 2022.

NUNES, I. S.; JESUS, L. M. A. A busca de sentido na expansão das redes sociais: qual like te sustenta?. **Revista Perspectiva: Ciência e Saúde**, v. 6, n. 2, 2021. <Disponível em> <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/535> Acesso em: 06 de abril de 2022.

PENA, R. F. A. Sociedade de Consumo. Consumismo e sociedade de consumo. [online]. Disponível em: <https://www.preparaenem.com/geografia/sociedade-consumo.htm>. acesso em: maio de 2022.

PIMENTEL, F. C. R. de M.; CAMPELLO, P. C.; CASTELO BRANCO, F. R. A Ética Capitalista: O vazio existencial e as relações de consumo. **Revista de trabalhos acadêmicos-Universo Salvador**, v. 1, n. 3, 2017. <Disponível em> <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1UNIVERSOSALVADOR2&page=article&op=view&path%5B%5D=3548> Acesso em: 15 de abril de 2022.

RAMOS, A. P. M.; ROCHA, F. N. Busca por Felicidade e Sentido de Vida na Sociedade de Consumo no Olhar da Logoterapia. **Revista Mosaico**. 2018 Jan./Jun. 09 (1): 10-18.

<Disponível em>

<https://scholar.archive.org/work/u2a45ve2ondgxluo2ubpyenhii/access/wayback/http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RM/article/download/1260/pdf> Acesso em: 07 de abril de 2022.

SANTOS D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 2013; 68 (2): 128-142. <Disponível em> <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229048487011.pdf> Acesso em: abril de 2022.

SILVA, R. B; MENDES, J. P. S; ALVES, R. S. L. O conceito de líquido em Zygmunt Bauman: Contemporaneidade e produção de subjetividade. **Athenea digital: revista de pensamento e investigación social**, v. 15, n. 2, p. 0249-264, 2015. <Disponível em> <https://ddd.uab.cat/record/133224> Acesso em julho 2022.

SILVEIRA, D. R.; GRADIM, F. J. Contribuições de Viktor Frankl ao movimento de saúde coletiva. **Revista de abordagem gestáltica – Phenomenological Studies**, XXI (2), p. 153-161, jul-dez, 2015. <Disponível em> <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5414962.pdf> Acesso em: 08 de abril de 2022.

SIMILI, E. C. P. F; FONSECA, B. C. R. O Vazio Existencial na Sociedade Consumista Contemporânea: uma revisão teórica. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia da FAEF**, 27ª edição, p. 1-14, 2016. <Disponível em> http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/F78j9Byy142i7_2017-10-18-17-48-56.pdf Acesso em: 07 de abril de 2022.

TEIXEIRA, J. A. C. Problemas psicopatológicos contemporâneos: Uma perspectiva existencial. *Aná. Psicológica*, Lisboa v.24 n.3, 2006. <Disponível em> <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/181> Acesso em: 08 de abril de 2022.

VAZ, A. Consumismo: o 'veneno do vazio' - Advogados Associados. 2013 [online]. <Disponível em> <https://alexandremagnoadvogados.com.br/2013/08/22/consumismo-o-veneno-do-vazio/>. Acesso em maio de 2022.

